



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Eduardo Lourenço et la passion de l'humain', de Maria Graciete Besse]

José Cândido de Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

José Cândido de Oliveira Martins, "[Recensão crítica a 'Eduardo Lourenço et la passion de l'humain', de Maria Graciete Besse]", *Colóquio/Letras*, n.º 186, Maio 2014, p. 269-272.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

que é aquela onde as lições dos cancioneiros de mão têm prioridade. A questão não é de somenos, pois envolve diferenças manifestas em palavras e até em versos inteiros. O efeito primeiro do comentário é o de desautorizar a transcrição do soneto feita quatro páginas antes. Como se explica que «a lição autêntica» tenha sido preterida em favor de outra, a de Costa Pimpão, assim considerada inautêntica?

Em alguns casos, o problema das lições textuais e o da pertinência surgem vizinhos. No comentário a «Tanto de meu estado me acho incerto», Rita Marnoto dedica apenas uma breve frase (vol. 1, p. 35) a uma das duas redacções antigas do último verso do soneto, redacção essa aliás ignorada por Costa Pimpão e rejeitada, com argumentos muito discutíveis, por Leodegário de Azevedo Filho. Apesar de elaborar todo um longo e eruditíssimo ensaio em torno das figuras da antítese e do oxímoro (vol. 1, p. 147-204), a autora não faz qualquer reflexão sobre a divergência profunda entre a lição «só porque vos vi» e a lição «só por vos não ver», ambas do tempo do poeta e com probabilidade de origem no próprio. Vem à memória a *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago: um NÃO, tão antitético, não mereceria mais atenção?

Num projecto com a dimensão e ambição deste, é natural que surjam alguns lapsos. São raros, mas têm a sua importância. É estranho, por exemplo, que, a propósito de epítafios na literatura portuguesa, se chegue a mencionar um da *Mensagem*, de Fernando Pessoa, omitindo referência ao livro dos epítafios nos *Poemas Lusitanos*, de António Ferreira (†1569) e ao seu carácter eventualmente fundacional em português (vol. 2, p. 131-2); ou que Torquato Tasso, para mais citado pela sua última obra, a *Gerusalemme Conquistata* (1593), apareça como «modelo e precursor de Camões» (*ibid.*, p. 144). Mas

estes são detalhes menores num projecto que começa a cobrir uma lacuna fundamental na investigação e na didáctica dos clássicos, trazendo contributos doravante incontornáveis para a interpretação dos poemas focados por estes eruditos comentários.

Hélio J. S. Alves

[O Autor segue a antiga ortografia.]

## EDUARDO LOURENÇO ET LA PASSION DE L'HUMAIN

Org. Maria Graciete Besse

Paris, Éditions Convivium Lusophone / 2013

Em outubro de 2011, foi organizada uma merecidíssima homenagem a Eduardo Lourenço, reunindo um assinalável número de especialistas da obra do reconhecido ensaísta. A iniciativa pertenceu à Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV), através do centro de investigação CRIMIC, em associação com a Delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em França.

Sob a forma de colóquio internacional, a referida homenagem materializou-se no presente volume, tendo ambos a dinâmica organização da investigadora Maria Graciete Besse, que assina a indispensável «Note liminaire» (p. 9-15) deste livro, em honra da figura maior da cultura portuguesa. Tendo publicado uma obra muito influente, iniciada em 1949 com o ensaio *Heterodoxia* e prolongada até aos nossos dias em cerca de duas dezenas de títulos, o impacto de Eduardo Lourenço atravessou as fronteiras nacionais, sobretudo no espaço da lusofonia. Em Portugal, além de homenagens diversas, o autor tem sido objeto de vários estudos académicos, bem como de volumes monográficos de revistas. Agrupando tematicamente as catorze

intervenções, de estudiosos provenientes de diversos países, o volume estrutura-se em cinco partes, «L'intellectuel Eduardo Lourenço»; «La question de l'Europe»; «Repenser l'identité portugaise»; «La fascination de la littérature»; e «La réjouissance de la pensée». De permeio, deparamo-nos com um «Cahier de photographies d'Eduardo Lourenço / Lettre inédite», endereçada a Miguel Torga e datada de 1957 (p. 113-35); e, a terminar, uma intervenção do autor homenageado, seguida de um breve quadro do seu percurso biográfico (p. 219-32).

Como sugerido, esta obra procura abarcar a riqueza temática da produção ensaística de Eduardo Lourenço, assinalando algumas das grandes dominantes da sua heterodoxa escrita reflexiva, marcada por «la passion de l'humain», como assinala a organizadora. O reconhecimento de Eduardo Lourenço fora de Portugal é exemplificado por Cleonice Berardinelli, entre outros. Lembrando a estada do ensaísta no Brasil e ao salientar a admiração suscitada pelo pensamento do intelectual homenageado, através da relevância ímpar da sua vocação ensaística para os estudiosos da cultura e da literatura portuguesas, a distinta investigadora carioca rememora emotivamente a atribuição do doutoramento *honoris causa* a Eduardo Lourenço pela Univ. Federal do Rio de Janeiro em 1995.

Num segundo momento, destaca-se o pensamento do escritor sobre a questão da Europa, axial no seu trabalho. Desde logo, toda a reflexão crítica sobre o projeto europeu e respetivo potencial, nomeadamente em contextos de crise, revela-se oportuníssima e fecunda, nas palavras de António Vitorino, ex-Comissário Europeu. Ao mesmo tempo, não é possível pensar a imagem da Europa idealizada e plural fora de uma mitografia específica, aliás essencial na interrogação

ontológica sobre Portugal e a sua hiper-identidade nacionalista (Miguel Real). De facto, Eduardo Lourenço desenvolveu um pensamento «euro-excentrique», destacando a «mythologie européenne», ao mesmo tempo pensando o diálogo assimétrico entre a utopia europeia e o percurso do Portugal contemporâneo — lendo Portugal «en forme de quiasme» ao espelho da Europa (Roberto Vecchi). Neste domínio, é possível demarcar fases de evolução do pensamento lourenciano: primeira, uma Europa «pensée en fonction du Portugal», a partir de uma matriz iluminista e da visão pessimista da Geração de 70; depois, um pensamento «auto-nome sur l'Europe», nas palavras de José Eduardo Franco: «Eduardo Lourenço est donc l'illustre héritier de ce courant qui cherche à établir le diagnostic et l'analyse de la situation portugaise face au paradigme progressiste de l'Europe» (p. 72).

Consabidamente, outra das linhas de força do ensaísmo de Eduardo Lourenço detém-se sobre a questão fundamental da identidade portuguesa. Para Guilherme d'Oliveira Martins, o pensamento lourenciano sobre a «aventura portuguesa» é indissociável da herança romântico-oitocentista e, em particular, da influente Geração de 70, ao equacionar os mitos configuradores da ideia de «Portugal como destino». Neste contexto, há quem se interrogue sobre Eduardo Lourenço enquanto «écrivain postmoderne», na sua obsessão de explicar Portugal e a questão identitária, em contraponto com Espanha, como o faz João Tiago Pedrosa de Lima, um dos responsáveis pela edição crítica, em curso, da obra completa de Eduardo Lourenço.

As sucessivas indagações lourencianas em torno do «labyrinthe de l'identité» inserem-no numa «longue et très riche tradition de l'essai d'auto-gnose, commun parmi les grandes figures du monde

ibéro-americain» (p. 100), como destaca Onésimo Teotónio Almeida. Porém, seguindo a fundamentada argumentação deste investigador, impõe-se a necessidade de desfazer alguns equívocos; e, sobretudo, não vincular o ensaísmo de Eduardo Lourenço a um contestável pensamento essencialista sobre a cultura ou «filosofia portuguesa» — associada a certos intelectuais conservadores —, como parece ser a tentação de certa perspetiva «científica», ideológica e crítica da sociologia atual. Em todo o caso, neste domínio, há diferenças significativas entre os pontos de vista de Boaventura de Sousa Santos ou de Ingemai Larsen, entre outros.

Um outro filão que manifestamente atravessa o pensamento de Eduardo Lourenço é o seu fascínio pela literatura, destacando-se alguns autores e obras numa recorrente biblioteca afetiva — de Luís de Camões a Fernando Pessoa, passando por Eça de Queirós, Antero de Quental, Oliveira Martins e tantos outros, sem esquecer vários contemporâneos. Ora, entre essas figuras tutelares, avulta Camões, mais o épico do que o lírico. Ao longo de uma vintena de ensaios, de 1967 a 2008, como analisado por Ángel Marcos de Dios, sobressai a figura do «essayiste de la vie portugaise quotidienne et de sa conscience civique» (p. 140), em que Camões é indissociável do ensaísmo lourenciano sobre a consciência e identidade portuguesas, bem como sobre a dimensão iberista, presente quer no autor de *Os Lusíadas* quer no próprio Eduardo Lourenço. Enfim, das revisitações do Poeta e do Livro, sobressai a figura de «Camões, héros, image et héraut d'un peuple entier» e sobretudo «la conscience aiguë de son temps historique comme le temps de l'agonie des propres valeurs heroïques qui lui servaient de référence» (p. 145, 153).

O universo pessoano ressalta como outra das grandes obsessões do ensaísta,

constituindo objeto de eloquente reflexão para Robert Bréchon. Este reconhecido estudioso, que nos deixou em 2012, evoca o seu percurso de devoção pela obra de Pessoa, a partir de *Pessoa Revisitado*. Seguindo Bréchon, o ensaísmo de Eduardo Lourenço operou uma profunda revolução hermenêutica nos estudos pessoanos, pela extraordinária perspicácia das suas propostas críticas, desde o «drama em gente» heteronímico à leitura do *Livro do Desassossego* — e tudo servido «d'une finesse et d'une justesse parfaite» (p. 161).

Eduardo Lourenço revelou-se também um agudo crítico de poesia, quer da sua trindade poética (Camões, Antero e Pessoa), quer acerca de outras vozes. Sobretudo a partir de *Tempo e Poesia*, configura-se uma singular «poética» de acentuada argúcia e densa «expression philosophique», como ilustrado por Nuno Júdice. Poesia concebida como palavra intemporal e enigmática, expressão do mistério e do silêncio e, sobretudo, como «iluminação» ou fonte de claridade, nomeadamente no contexto específico do «tempo português»: «la question du temps de la poésie dans la relation avec le temps de l'Histoire: une relation toujours paradoxale car un rapprochement excessif détruit solvent l'autonomie du poétique» (p. 172). Igualmente Vasco Graça Moura destaca a enriquecedora experiência da leitura da crítica poética de Eduardo Lourenço, sempre inovadora ao propor «un dialogue incessant avec les arts de la parole d'autrui», desvendando sempre «dimensions insoupçonnées» (p. 176).

Por fim, o ensaísmo do autor de *Nós e a Europa, ou As Duas Razões* filia-se numa multissecular matriz europeia (de Montaigne e Bacon), já que o seu pensamento, historicamente inscrito numa moderna e humanista República das Letras — como exposto por Helena Buescu —, se mostra

umbilicalmente «héritère d'une longue lignée de pensée de souche européenne, caractérisée par son ouverture médiatrice et sa capacité dialogale» (p. 186). Vocação congenialmente ensaística, em diálogo e revisão crítica constante, numa permanente tensão e heterodoxia argumentativa, «Eduardo Lourenço revisite et transforme [la tradition], par son constante inquietude réflexive» (p. 189).

Também não poderia faltar uma reflexão que destacasse o contributo do escritor para o pensamento pós-colonial, a partir da revisão crítica sobre conceitos de identidade, imaginário e mito que plasmaram certa perspetiva do Portugal imperial e pós-imperial. Para Maria Manuel Baptista, uma das vertentes do ensaísmo lourenciano reside justamente na análise e desconstrução de certa «mythologie impériale» cara ao Estado Novo, «mythes de peuple découvreur, non violant, non colonialiste, civilisateur et, surpassant toute possibilité de racisme, capable de se mêler aux races autochtones, pour créer le mulâtre» (p. 199). Assim se questiona expressamente a enraizada ideia cara ao regime, de «génie civilisateur des Portugais», legitimando de forma reiterada, na retórica oficial do salazarismo, a sua missão civilizadora e evangelizadora. O mesmo afã desmitificador estende-se à ideia de uma «décolonisation exemplaire», na hora de regresso à original casa lusitana.

Do que fica sugerido, pode concluir-se estarmos perante um volume de significativa e justíssima homenagem de estudiosos da obra lourenciana, por um lado; e por outro, diante de uma obra que, a partir de agora, constituirá importante referência na mais atualizada bibliografia crítica sobre o pensamento absolutamente fundamental de Eduardo Lourenço.

*José Cândido de Oliveira Martins*

**Pedro Eiras**

## CONSTELAÇÕES

ENSAIOS COMPARATISTAS SOBRE  
LITERATURA E OUTRAS ARTES

Porto, Fac. de Letras da Univ. do Porto-Instituto de  
Literatura Comparada Margarida Losa / 2013

Entre 2006 e 2012, Pedro Eiras escreveu sobre os diálogos possíveis que a Literatura estabelece com outras artes, empenhado em empreender um verdadeiro périplo por obras e autores, temas e problemas que beneficiam dum enquadramento comparatista. Exercícios de comparação, ponderação, procura de questionamento, novas abordagens a textos agora reunidos em *Constelações*.

O que suscita a escrita destes ensaios? Questionar o que é e o que pode a «arte» à luz das relações que diversas disciplinas entre si constroem. Não estamos já no período de uma «wechelseitige Erhellung der Kunst» (iluminação mútua das artes), tal como se defendeu no início do século XX, reforçando-se a ideia de que os conceitos e métodos de estudo de uma arte podiam ser aplicados, com ponderação, a uma outra arte, mas sim no tempo em que, consequência da formação de discursos transdisciplinares (da antropologia cultural aos *cultural studies*, dos estudos de comunicação à linguística, psicologia e semiótica), o investigador tem de empreender um esforço de pesquisa *inter-artes* visando uma integração dessa abordagem na vasta rede de relações que a transversalidade dos saberes pressupõe.

Pedro Eiras aplica aos objetos de estudo em causa uma inescapável metodologia literária, justamente porque, como esclareceu Claus Clüver, esses objetos em análise são «textos». Pressupõe-se que o primeiro nível de exegese seja, portanto, de ordem, digamos assim, contextual. O investigador concentra a sua atenção na historicidade e na diacronia do objeto